



## **BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN**

**Layse de Oliveira Monteiro**

*layse.monteiro01@gmail.com*

**Paula Carolina Silva Santos**

*pcssantos.uepa@gmail.com*

**Jardel Coelho Teixeira**

*jardercelho1996@gmail.com*

**Daniel Castilho de Souza**

*danielcastilho97@gmail.com*

**Jamila Mariana da Cruz**

*mila.mariana05@gmail.com*

**Simone de La Rocque**

*silarocquec@hotmail.com*

**Universidade do Estado do Pará (UEPA)**

### **RESUMO**

O presente estudo objetivou mostrar a importância de atividades físicas adaptadas para crianças com Síndrome de Down (SD). Pesquisa de Campo, descritiva que avaliou o desenvolvimento global de seis alunos com SD, através de entrevista aplicada aos pais. A análise foi de acordo com Bardin (1997). Após intervenção, constatou-se que há benefícios motores, psicológicos e sociais proporcionados pela EFA para as crianças com SD.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Síndrome de Down; Educação Física Adaptada; Síndrome de Down*



## INTRODUÇÃO

De modo geral a maioria das pessoas com Síndrome de Down (SD) vive sob restrições motoras, limitações de convívio social e tendo subestimadas suas capacidades, principalmente em relação à prática de esporte. Com o pouco incentivo, frequentemente tornam-se pessoas inativas, tendo assim também seu desenvolvimento global comprometido.

O ser humano, estando em contato com o mundo, necessita estar captando e reagindo a estímulos que estão no ambiente, necessita transformá-los mentalmente e utilizá-los em suas ações. A maneira pela qual capta e interpreta esses estímulos e a maneira pela qual os transforma e os utiliza em suas ações vão ser variados, em diferentes faixas etárias. O processo que leva a essas mudanças qualitativas da forma de pensar e raciocinar denomina-se desenvolvimento cognitivo (TANI, 1988).

A Atividade Física (AF) reporta um importante benefício cognitivo, psíquico e físico ao ser humano, propiciando condições que possibilitem aos considerados diferentes se integrarem à sociedade. Estudos mostram que é competência de professor de Educação Física Adaptada (EFA) saber identificar as necessidades específicas de alunos com SD e determinar as diversificações para que não haja a exclusão na prática da EFA ou esporte. De acordo com Winnick (2004), o professor determina como prioridade o desenvolvimento da autoestima positiva do aluno, promovendo entre os pares a postura de aceitação, empatia, amizade e afeto, para o aluno com SD.

Foi realizado um estudo de revisão bibliográfica o qual objetivou apontar como a atividade física adaptada contribui para o desenvolvimento global de alunos com SD.

## CARACTERIZANDO A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down, também foi descrita pela primeira vez em 1866 por John Langdon Down na Inglaterra (SHWARTZMAN *apud* SAAD, 2003). Apenas em 1959, o geneticista Lejeune verificou um erro na distribuição cromossômica, possuindo um cromossomo extra nas pessoas com SD, especificamente no par 21 (LEITE, 2009). Refere-se a um acidente genético, que pode ter razão biológica, ocorrendo na divisão cromossômica da célula.

As células dos seres humanos possuem 46 cromossomos, 23 provenientes do pai e 23 provenientes da mãe, sendo que 22 pares são determinantes das características dos indivíduos e o outro par determinante do sexo (GIOVANONI *apud* SAAD, 2003), as pessoas com SD apresentam 47 cromossomos em cada célula, ao invés de 46 como as demais, o fato ocorre quando o espermatozoide ou o óvulo envia um cromossomo extra que se localiza no par 21, as divisões continuarão se processando e as células apresentarão 47 cromossomos (ALVES, 2007).

As pessoas com SD além de apresentarem algumas características físicas, situam um diferencial no desenvolvimento intelectual, nas habilidades intelectuais e motoras, pois abrangem níveis diferenciados de retardo (SELIKOWITZ *apud* MARQUES, 2003). Não somente a genética é influenciadora do comportamento e da disposição emocional, mas o meio que o indivíduo vive, ou seja, está relacionado aos estímulos que recebe (PUESCHEL; ZIGLER ET AL. *apud* MARQUES, 2003).

As pessoas com SD apresentam prejuízos no funcionamento perceptivo-motor quando realizam atividades de exatidão como pular e saltar. O atraso motor ocasiona a necessidade do trabalho da força muscular, resistência muscular, resistência cardiovascular, que conseqüentemente fortalecerá as articulações, diminuindo o risco de infecções respiratórias e hipotonia (PICK; ZUCHETTO, 2009).

A presença da hipotonia muscular contribui com o atraso motor, limita as habilidades físicas e diminui ou produz déficit de sensações e vivências que dificultam o desenvolvimento cognitivo. Sem controle para estabilidade dinâmica postural, o indivíduo não consegue mover-se nos diferentes planos (MARINELLO, 2001).



## EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

A EF tem como foco o desenvolvimento da cultura corporal do movimento, como ginástica, dança, jogos e esportes, ao desenvolver essas atividades deve ser considerado o potencial de desenvolvimento pessoal, não só o desenvolvimento em si. A visão da EF tende a promover a atividade física para todos os cidadãos durante a vida, oferecendo assistência profissional.

Vasconcelos (1999) relata que embora a EF focalize os aspectos motores, a sua finalidade é de fato atingir o aluno como um todo. Nesse sentido a EF tem muito a oferecer aos alunos com SD, através da área da Educação Física Adaptada (EFA), especialidade que apresenta condições de desenvolver atividades físicas para grupos de deficiência sensorial, motora, mental ou de outra condição restritiva (GORGATTI; COSTA, 2005).

A EFA de ser utilizada como forma de promoção de desenvolvimento global, assim dos ANEES, garantindo também a educação do potencial motor de acordo com as possibilidades de cada um aluno, para que todos participem dentro das suas limitações também (MOREIRA, 2004). Marques (*apud* MOREIRA, 2004) cita a EFA no processo de reabilitação e reintegração social, como a contribuição da aceitação da deficiência, valorização das capacidades físicas, e no reforço da autoestima.

## BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

A pessoas com SD são alvos de preconceitos. Lima (2009) define o estereótipo como um legitimador de formas de dominação, assumindo um caráter depreciativo e adaptativo de pensar com a ajuda de categorias sociais, tendo uma perspectiva social enquanto o ser humano produto da interação social. A constituição desse estereótipo se dá pelo conhecimento e as crenças que um indivíduo tem acerca de um grupo social.

As pessoas com SD que são estereotipadas como limitadas e incapazes, ao passar a praticar atividades esportivas, acabam sendo avaliadas mais positivamente e conseqüentemente acabam tendo uma rejeição menor. Com isso, o fato da pessoa com SD ser classificado como ativo contribui para que tenha uma identidade menos estereotipada e preconceituosa, além dos benefícios diretos trazidos pela prática esportiva.

Rosadas (1991) coloca como objetivo geral da AFA a reintegração completa da pessoa a sociedade e especificamente a melhoria da condição motora, domínio do corpo, reintegração familiar e social e desenvolvimento sócio-cultural. A EFA incentiva a inclusão sócio-cultural das pessoas com deficiência em práticas de cultura corporal e lazer, tomando um enfoque de veículo de integração e reabilitação social e de movimentos, legitimando a defesa das interações sociais (OLIVEIRA, 2005).

## METODOLOGIA

Uma pesquisa de campo, realizada no Laboratório de Atividades Físicas Adaptadas - LAFAD - Campus III - Universidade do Estado do Pará, teve como amostra seis crianças com SD, na faixa etária de 04 a 06 anos, de ambos os sexos. Utilizou-se entrevista com 6 perguntas geradoras aplicado aos pais. A análise foi segundo Bardin (1997).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação de crianças com Síndrome de Down em programas de Educação Física Adaptada lhes propicia a experimentação de sensações corporais e de movimentos que comumente lhes são impostos por barreiras físicas, ambientais e sociais. Assim, pessoas com SD, por enfrentar tais problemas, normalmente se sentem com pouca utilidade e improdutiva.

A EFA favorece o desenvolvimento do ser humano em geral, proporcionando a independência, a autonomia e a oportunidade de desenvolver aspectos relacionados a afetividade e a sociedade. Através



dos movimentos as pessoas com SD desenvolvem as capacidades motoras e cognitivas, ainda as afetivas, pois a Educação Física Adaptada amplia as possibilidades educacionais e sociais. Assim, o próprio espaço onde estas atividades são vivenciadas pela pessoa com SD, torna-se o ambiente importante para seu desenvolvimento global.

A EFA tem sido um indicativo de grande contribuição no desenvolvimento global de alunos com SD. Não apenas exclusivamente no sentido de minimizar as dificuldades impostas pela própria síndrome, mas também, tem sido reconhecida como grande elemento facilitador de inclusão social e de melhoria de qualidade de vida desses alunos.

## **PSYCHOSOCIAL BENEFITS OF PHYSICAL EDUCATION ADAPTED TO STUDENTS WITH DOWN SYNDROME**

### **ABSTRACT**

The present study aimed to show the importance of adapted physical activities for children with Down Syndrome (DS). Field research, descriptive that evaluated the overall development of six students with DS, through an interview applied to parents. The analysis was according to Bardin (1997). After intervention, it was found that there are motor, psychological and social benefits provided by EFA for children with DS.

**KEYWORDS:** *Down Syndrome; Adapted Physical Education; Down Syndrome.*

## **BENEFICIOS PSICOSOCIALES DA EDUCACIÓN FÍSICA ADAPTADA PERSONAS CON SÍNDROME DE DOWN**

### **RESUMEN**

El presente estudio objetivó mostrar la importancia de actividades físicas adaptadas para niños con Síndrome de Down (SD). Investigación de campo, descriptiva que evaluó el desarrollo global de seis alumnos con SD, a través de una entrevista aplicada a los padres. El análisis fue de acuerdo con Bardin (1997). Después de la intervención, se constató que hay beneficios motores, psicológicos y sociales proporcionados por la EFA para los niños con SD.

**PALABRAS CLAVES:** *SÍNDROME de Down; Educación Física Adaptada; Síndrome de Down.*



## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. [org]. *Atividade Física Adaptada*. São Paulo: Manole, 2005.
- LEITE, L. *Síndrome de Down*. Disponível em: <<http://www.ghente.org/ciencia/genetica/down.htm>>. Acessado em 15 de setembro de 2009.
- LIMA, M. M. *Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem*. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/consideracoes%20em%20torno%20do%20conceito%20de%20esterotipo.pdf>>. Acessado em: 14 de Outubro de 2009.
- MARINELLO, K.T. *Avaliação do desenvolvimento motor em escolares portadores de deficiência mental matriculados na APAE de Tubarão/SC*. Monografia (Graduação Fisioterapia). Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão/SC, 2001.
- MARQUES, A. C. *O perfil do estilo de vida de pessoas com Síndrome de Down e normas para avaliação da Aptidão Física*. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MOREIRA, S. *Diversidades*. Revista Digital, ano 2, número 4, jun. 2004.
- PICK, R. K; ZUCHETTO, A. T. *Comportamentos sociais de um portador de síndrome de down*. Kinein, vol. 1, nº 1, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/biblioteca/2606/Portador-da-sindrome-de-down-na-pratica-de-atividade-fisica>>. Acessado em: 12 de agosto de 2009.
- ROSADAS, S. C. *Atividade Física Adaptada e os Jogos Esportivos para o Deficiente: Eu posso vocês duvidam?* Rio de Janeiro: Atheneu, 1989.
- SAAD, S. N. *Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down*. São Paulo: Vetor, 2003.
- TANI, GO. *Educação Física escolar, fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Edusp, 1988.
- VASCONCELOS, Riane N. S. *Abordagem educacional da estimulação precoce: a contribuição da fisioterapia*. Mensagem da APAE, Brasília, DF, p. 36-39, 1999.

